



GT 42. Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

Coordenador(es):

Gisele Fonseca Chagas (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Silvia Montenegro (CONICET)

Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores que discutam os diferentes processos de construção de identidades no contexto das comunidades diaspóricas médio-orientais na América Latina, buscando incluir também as pesquisas daqueles antropólogos que realizam trabalho de campo sobre esses processos no Oriente Médio e no espaço global. O intuito é refletir sobre as dinâmicas locais e os fluxos transnacionais que envolvem essas configurações identitárias através do movimento e circulação de pessoas, instituições, objetos e ideias numa perspectiva etnográfica. O GT pretende trazer para o debate o papel da etnografia na compreensão das diferentes dimensões que abarcam tais processos e servir como espaço para troca de experiências de pesquisa e reflexões metodológicas sobre o estudo do islã e outras vinculações religiosas, as identidades e conflitos étnicos e nacionais, as questões de gênero e temas emergentes tais como refugiados, exilados e deslocados por guerras e conflitos recentes.

Experiências do Véu: reflexões sobre conversões , gênero e corporalidade entre as mulheres muçulmanas na Mesquita Islâmica de Juiz de Fora

Autoria: Ana Clara Alves de Oliveira (UFF - Universidade Federal Fluminense)

O work a ser apresentado se baseia nos dados de minha pesquisa de campo realizada entre 2016-2017 na Mesquita Islâmica de Juiz de Fora. Discuto a experiência do véu muçulmano em diferentes âmbitos de análise, procurando entender porque o uso do véu é uma ação social tão impactante para os não muçulmanos e qual o sentido do véu para as mulheres que o usam. Desenvolvo uma breve análise sobre a história da confecção de discursos orientalistas enfatizando a relação entre Oriente e Ocidente e como a mulher de hijab se tornou um ícone das discussões sociais ocidentais contemporâneas. Proponho entender o islã como uma nação que funciona tanto quanto uma organização local, como uma comunidade de identificação internacional. A partir de minha experiência de campo na Mesquita Islâmica de Juiz de Fora trago dados das mulheres muçulmanas estudadas e busco trabalhar a conversão das brasileiras ao islã como um processo de construção de identidade e uma escolha pessoal de inserção social. Um processo que se inicia no corpo e com a prática se internaliza no sujeito. O véu é o ícone que norteia todo esse debate, sendo ele, um elemento estético que desempenha papel fundamental no exercício da compreensão da performance abrindo dimensões muito maiores que se tornam imbricadas na experiência vivida.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: